



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

ACERCA DO AMANTE PROFISSIONAL Ou: Sobre o Ser do Filósofo

William Coelho¹

RESUMO: *Amantes de Sophia* foi um projeto de extensão criado e promovido pelo Departamento de Filosofia da FAFIC/UERN, através do seu grupo de pesquisa *Epistemologia e Ciências Humanas*. Consistia em encontros quinzenais em parceria com a Proex e a Potylivros, onde se brindavam a vinho conversas dionisiacas com quem gosta de pensar. Sua primeira versão inaugurou-se com *O Bacanal de Sofia*, tematizado pelo Prof. Dr. Jorge Soares (DFI/FAFIC/UERN), em 30 de abril de 2003, e encerrou-se em 14 de setembro 2005, no seu vigésimo sétimo encontro, com *O Ethos do Animal Político*, proferido pelo Prof. Me. William Coelho. Além desses, outros temas como a certeza, a morte, o poeta, a sociedade, a ciência, a ética, a moral, Deus, utopia, racionalidade, justiça, tempo etc. foram tematizados por vários docentes e discentes da Filosofia e assistidos pelo público acadêmico e clientes da livraria patrocinadora². Inclusive uma trilogia sobre o filosofar, o filósofo e a filosofia. Em 07 de maio de 2003 o seu segundo encontro tratou da segunda reflexão desta trilogia. Eis o texto para apreciação do novo público.

PALAVRAS-CHAVES: Extensão. Amantes de Sofia. Filósofo.

ABSTRACT: Sophia's Lovers was an university extension project created and promoted by the Department of Philosophy at FAFIC, through its research group *Epistemology and Human Sciences*. It opened with *Sophia's Bacchanal*, themed by Prof. Dr. Jorge Soares (DFI/FAFIC/UERN) on April 30, 2003. On September 14, 2005, ended at its twenty-seventh meeting, with *The Ethos of the Political Animal*, delivered by Prof. Ms. William Coelho. In addition to these, other themes such as certainty, death, the poet, society, science, ethics, morals, God, utopia, rationality, justice, time etc. they were uttered by several professors and students of Philosophy and watched by the academic public and bookstore visitors. Including a trilogy on to philosophize, the philosopher and philosophy. The second meeting occurred on May 7, 2003, exposing the second reflection of this trilogy. Here is the text for appreciation of the new public.

KEYWORDS: University extension. Sophia's Lovers. Philosopher.

¹ Professor de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (DFI-FAFIC/UERN). Coordenador do projeto de extensão Amantes de Sophia (2003-2005).

² Gratidão ao Prof. Dr. Antônio Júlio Garcia Freire, à época, professor de Filosofia da FE/UERN; atualmente lotado no Departamento de Ciências da Religião, na UERN Natal! Inspirado nos cafés filosóficos parisienses, ele provocou o Prof. William Coelho (DFI/FAFIC), a quem coube a coordenação do projeto, para ocuparmos o espaço da livraria A.S. Book, no Centro de Mossoró/RN. Convenientemente, substituímos o café pelo vinho e poetizamos a Filosofia, inspirados nos seus etnos gregos: *philos* – amante – e *sophia* – sabedoria. Assim, nos confraternizamos para além das salas de aula como *Amantes de Sophia*.

1. INTRODUÇÃO

É comum nos perguntarmos sobre o porquê das coisas, sobre a importância delas, o para que servem. Nem sempre, porém, nos perguntamos sobre o ser das coisas: sobre o que elas são, que caracteres a constituem, como, por exemplo: o que significa ser amante de Sofia?

Aprendemos que *filosofia* é uma palavra derivada de dois termos gregos (*philos*: amor; e *sophia*: sabedoria), que significa amor à sabedoria. Assim, podemos dizer que o filósofo é o amante da sabedoria. Mas, o que isso significa? Como é constituir-se profissionalmente como amante? Se o amante é um profissional, o que seria o amador? Qual a diferença entre o amante e o amador da sabedoria?

É comum também aprendermos que a filosofia trabalha mesmo é com perguntas, questionamentos, do que propriamente com respostas prontas. Talvez, por isso, apesar de tudo o que se diz ou se aprende da filosofia ou de quem a faz, não é comum sabermos o que é a filosofia ou o filósofo. Pois também não é comum nos perguntarmos filosoficamente sobre isto.

Apesar dos manuais de filosofia costumarem apresentar algum conceito, alguma definição do que seja filosofia, respondendo, das mais diversas formas permitidas pelo pensamento, à pergunta sobre o que ela é, não é comum, contudo, mencionarem sobre o ser filósofo. Talvez lhes pareça óbvio. No entanto, é comum se perguntar se quem conclui um curso de filosofia é filósofo; se é filósofo quem ensina filosofia; se ser filósofo é ler obras filosóficas; se ser filósofo é apenas pensar. Mas pensar em quê?

Não obstante perceber certa vinculação entre as questões sobre o que é filosofia e o que é ser filósofo, tentaremos aqui, dentro das nossas limitações, refletir sobre elas priorizando a segunda: quem é filósofo? O que é ser filósofo? Por entender serem estas algumas das perguntas que se fazem ou se devem fazer as pessoas que despertam para a filosofia, metafisicamente, qual é o ser do filósofo? Ou, aristotelicamente, qual é a causa formal do filósofo?

2. O AMADOR DA SABEDORIA

Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

Tentemos, então, pensar sobre o que é o filósofo. O ponto de partida para a nossa reflexão será as nossas observações mais gerais, mais comuns. Assim, a primeira percepção que temos dos filósofos é que são pensadores. Tanto que, geralmente, se toma por filósofa aquela pessoa que emite frases prontas, ideias (embora soltas) sobre praticamente tudo da vida, mesmo que não tenha cursado filosofia. Esta é uma noção interessante porque não condiciona a filosofia ao seu estudo formal, sistemático, aproximando-a mais do pensamento oriental, bastante divergente do que aprendemos com os gregos.

Ora, Roland Corbisier (1983), por exemplo, se serve do filósofo alemão Georg Hegel (1770-1831) e do chinês Fong Yeou-Lan (1895-1990), como defensores da origem ocidental da filosofia, para mostrar que a sabedoria oriental não poderia ser filosofia no sentido grego do termo, dada a aparente assistemática daquele pensamento, que não coincidia com a racionalidade grega presente já nos primeiros filósofos. Isto porque as frases prontas como máximas de vida ou ideias soltas, por mais belas ou sábias que sejam, carecem de coerência, de consistência, devido à equivocidade das palavras, cuja validade de sentido escapa ao crivo da razão, caindo, por certo, num misticismo ou num relativismo. Portanto, filosofia, correspondendo apenas a pensamento, sabedoria, parece um conceito muito abrangente, vago e mal esclarecido. Talvez, nesse sentido, tal como em toda atividade há o amador e o profissional – engenharia, artes, esportes etc. –, a falta de um saber sistematicamente especializado conota o sábio oriental mais como um amador da sabedoria do que como o seu amante profissional.

Nesses termos, pode-se pensar que o filósofo, como sábio ou pensador apenas, tem sua definição ainda muito imprecisa, permanecendo bastante indeterminada, porque está se tomando a relação entre filósofo e pensador como equivalentes lógicos, como se “sendo filósofo é pensador, então, sendo pensador é filósofo”. Este é certamente o raciocínio que leva ao sentido vulgar do termo “filósofo”. No entanto, parece que o termo “pensador”, num sentido mais pragmático, tem um significado mais abrangente como se caracterizasse alguém que se destaca mais pelo hábito de assumir posturas polêmicas sobre diversos assuntos, tal como os sofistas na Atenas de Sócrates (PLATÃO, 1979), do que mesmo por expressar algum saber especializado em alguma matéria. Essa

<i>Acerca do Amante Profissional ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	65/107
--	------------------------	------	------	--------

é, na verdade, a visão sofista do filósofo como sendo um detentor do saber, um sábio capaz de discutir com especialistas sobre qualquer assunto sem que fosse ele mesmo especializado a não ser na arte retórica, na arte do convencimento pela palavra (*Sofista*, 225b).

Não é isto, entretanto, que deve invalidar a noção de filósofo como sendo um pensador. Pois, a rigor, esta percepção se encontra tanto na visão do senso comum quanto na visão especializada do iniciado. Mas, se o filósofo é um pensador, o que o caracteriza como tal?

No nível acadêmico da iniciação filosófica, ou seja, do estudo sistemático do conhecimento filosófico ocidental, aprende-se com o filósofo italiano Antônio Gramsci (1891-1937), por exemplo, que *todos os homens são filósofos* (GRAMSCI, 1999) desde que tenham uma visão crítica do mundo, pois aprendemos que a filosofia nos ensina a ver o mundo criticamente. Contudo, o que é ver o mundo criticamente? O que é ter uma visão crítica do mundo? Será este elemento suficiente para a identificação de um filósofo no sentido estrito do termo?

3. A PROFISSÃO DO AMANTE

A meu ver, o termo “filósofo” continua mal definido, ainda pouco determinado, haja vista confundir-se ainda com uma noção simplista e indeterminada de pensador, corrente no conhecimento popular.

Ainda no nível acadêmico, tende-se a ver o filósofo também como um profissional, assim como o psicólogo, o sociólogo, o matemático, o físico, o químico, o biólogo e outros cientistas. No entanto, todos esses profissionais têm um espaço mais ou menos bem definido no mercado de trabalho, exceto o filósofo. Todavia, embora seu espaço profissional não apareça fora do âmbito universitário, pelo menos nele reconhece-se o lugar e a importância desse profissional, haja vista seu domínio de um certo conhecimento com o qual poucos lidam e muitos admiram. Esta observação, porém, infelizmente, ainda não esclarece o que é o filósofo. No entanto, permite fazer um contraponto à noção do senso comum sobre ele, visto que não se poderia chamar de filósofo qualquer um que não tivesse por tarefa profissional dominar certo conhecimento chamado



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

filosófico. Isto, a rigor, é uma tentativa de localizar o espaço próprio do filósofo, justificando-lhe importância.

Tentemos, então, confrontar o que nós conhecemos dos reconhecidamente filósofos com o que o senso comum costuma dizer do profissional em questão. Questionemos, pois, o próprio filósofo Gramsci: se todos nós somos filósofos, por que a própria humanidade não reconhece a todos esse título? Então, em que difere o pensamento crítico das pessoas comuns em relação ao pensamento comum das pessoas filósofas profissionais? Como é possível sermos todos filósofos se, no tocante ao elemento característico do filósofo, há certamente uma visível diferença de forma e de conteúdo entre o pensamento das pessoas reconhecidamente filósofas e o das demais pessoas?

Ora, o pensamento das pessoas filósofas é incontestavelmente diverso do pensamento das pessoas comuns no tocante ao objeto e ao método. As pessoas comuns têm por preocupação, geralmente, o imediato e seu pensamento se caracteriza mais pelo uso da memória e da imaginação do que propriamente pelo uso da razão. Graças a esta faculdade é possível que toda e qualquer pessoa, em algum momento, questione, critique, reflita, filosofe. Mas a crítica, o questionamento crítico é, na verdade, apenas um momento da atividade filosófica. Aristóteles já defendia que não há pessoa virtuosa por ter praticado a virtude uma única vez. Ou seja, a pessoa é virtuosa pela prática constante da virtude (*Ética a Nicómaco*, 2002, pp. I.13, 1103a). Do mesmo modo, uma criança não se torna adulta simplesmente por ter, num único instante, tomado uma decisão própria de pessoa adulta. Tampouco um animal não se faz humano por uma resposta inteligente a um estímulo; nem mesmo um ser humano se desumaniza por um único erro de raciocínio.

Observe-se que um humano se distingue dos demais, quanto ao saber, basicamente pela sua atividade. O que torna cientista um humano é ele ter como prática a construção da ciência, a produção desse tipo de conhecimento rigoroso, porque metódico e sistemático. O que faz de uma pessoa uma psicóloga é a sua lide científica sobre o comportamento humano. O humano se torna biólogo pela sua atividade ter por objeto a estrutura vital dos organismos. O cientista da Física é reconhecido como tal pelo seu trabalho sobre a natureza física do mundo. Todos esses profissionais são reconhecidos como cientistas quando apresentam algo concreto como resultado dos seus

<i>Acerca do Amante Profissional ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	67/107
--	------------------------	------	------	--------



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

trabalhos que possa servir de orientação ao trabalho de quem queira lhe seguir na contribuição à solução dos problemas tratados. Ou seja, quando o profissional consegue expor de maneira explicativa e generalizante aquilo que a sua prática fez brotar como novo: o conhecimento sobre determinado fenômeno. É a produção do conhecimento objetivo e universal sobre uma determinada parte da realidade que faz de um profissional um cientista. Claro que este conceito de cientista já está bem determinado por uma comunidade que se pretende científica. Todavia, seguindo a razão, não poderia ser diferente. As religiões, por mais diversas que sejam, surgem em torno de uma atividade fundada numa crença daqueles que constituem a comunidade religiosa, que então estabelecem as regras para quem quiser também participar de tal ou qual religião; e tais regras sequer se dispõem ao crivo da razão.

Então, considerando o conhecimento produzido pelos filósofos profissionais, isto é, por aqueles que se dedicaram aos estudos e a uma prática de produção de um certo de tipo de conhecimento, podemos dizer que, pelo menos num dado, todos concordam: a atividade do filósofo é basicamente o pensar. Pois filosofar é isto: pensar, tal como o filósofo francês René Descartes (1596-1650) demonstrou em seu *Discurso do Método* (1979). E é neste sentido que concluem alguns pela indistinção entre o filósofo e o pensador. Contudo, o pensar filosófico é historicamente especializado num certo modo de investigação da realidade; restringe-se ao uso correto da razão em busca da verdade (*Met.* II.1, 993b20), tendo apenas a razão como instrumento (*Anal. Ant.* I.30, 46a5), como meio para a *episteme*, para o conhecimento sistemático como nos mostra Aristóteles (2005). Esse instrumento – a razão –, supostamente inerente a qualquer pessoa, só nos permite dizer, segundo Aristóteles, que o ser humano é, potencialmente, filósofo, posto que sua realização como tal se dá, apenas, pelo exercício de tal faculdade em determinada função (OLIVEIRA, 2000).

Entretanto, além do uso da razão, o filósofo, na sua atividade, produz um trabalho que deve participar dos moldes estabelecidos historicamente pela Filosofia. É um produto que certamente deve submeter-se a critérios, tais como os das Ciências Humanas e Sociais, regidos pelas exigências lógicas da coerência e da consistência, e pela cientificidade da originalidade e da objetivação (DEMO, 1995).

Acerca do Amante Profissional ...	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	68/107
-----------------------------------	------------------------	------	------	--------

Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

Neste sentido, o profissionalismo do filósofo se assemelha ao trabalho científico, sob o rigor da coerência do pensamento lógico para que assim possa ser seguido por qualquer outro ser racional interessado no assunto. Precisa também se respaldar em fatos ou ideias consistentes às percepções da realidade, para não se prender aos próprios interesses subjetivos. Além disso, precisa apresentar algo de novo como contribuição à comunidade filosófica. Ou seja, o seu produto propriamente dito, visto brotar da sua experiência comunitária, será a decodificação em linguagem objetiva sobre aquilo que ele concebeu a partir da problematização do mundo à sua volta. É a determinação *ôntica* de um problema. É, em síntese, um discurso explicativo da realidade.

Este discurso, porém, como resultado do pensar filosófico, como produto epistêmico, carece também de uma postura rigorosa no que tange à relação entre sujeito pensante e objeto pensado, tendo sempre em vista a pretensão à universalidade do conhecimento, por cuja objetivação tenta-se ser o mais imparcial possível, haja vista ser a filosofia, desde os seus primórdios gregos, a busca mesma da verdade (*Met.* II.1, 993b). Nesses termos, sem dúvida, o filósofo se assemelha aos cientistas. Todavia, com certa diferença: o seu objeto de trabalho é conceitual e o seu método é demonstrativo, distanciando-se, pois, dos critérios de verificabilidade das ciências, que lidam com partes da realidade, enquanto a filosofia lida com o todo, ou seja, com o universal abstraído dos particulares, o real que determina as realidades, o Ser: concebido a partir das percepções, pensado através da linguagem. Por isso não lhe cabe o critério científico moderno da experimentação.

Se examinarmos os produtos do pensamento filosófico, ou seja, as obras dos filósofos, veremos que todos eles basicamente se inserem nesta característica da cientificidade, que diz respeito à racionalidade. Mesmo aqueles que pretenderam negar o poder da razão, na verdade, estavam criticando um determinado uso dela, uma certa racionalidade. E, para tanto, tiveram que fazer o melhor uso daquilo que eles entenderam por razão. Ou, por outro lado, é possível também que estejam mais associados aos pensadores do que propriamente aos filósofos.

É pela leitura de trabalhos filosóficos que podemos perceber a diferença entre eles e os não-filosóficos. Os filósofos tratam de problemas que, geralmente, escapam à experimentação, isto é, ao teste empírico. O filósofo trata de temas abrangentes como a vida, o mundo, Deus, o

<i>Acerca do Amante Profissional ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	69/107
--	------------------------	------	------	--------

Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

conhecimento, o poder, o bem, o mal etc. (HEGEL, 2008, p. 24). Os cientistas, porém, tratam de problemas específicos, que podem ser observados, verificados, quantificados ou, no mínimo, demonstrados através de cálculos e testes em laboratório. Contudo, tal como a sistematicidade na Ciência, os filósofos também abordam os problemas filosóficos sempre respeitando a tradição filosófica, ou seja, considerando o que já foi investigado por todos, pela maioria ou pelos mais eminentes (ARISTÓTELES, *Tóp.* I.1 100b), quer seja criticando-a, quer seja aprofundando-a, além de constituir seu pensamento sob uma concepção do Ser, pela qual a coerência o respalde e lhe garanta a sistematicidade (*Met.* II.1 993b).

4. O AMOR DO AMANTE

A filosofia, enquanto sistema, ou seja, enquanto conjunto de ideias bem articuladas, tem fundamentalmente e historicamente legitimados três grandes problemas a discutir, sob os quais se agregam todos os demais problemas menores, cuja presença diversificada torna difícil a delimitação do objeto filosófico. Todos esses problemas menores, que poderíamos chamar de dispersos, por pertencerem a diversas áreas do conhecimento e da vida, são abordados filosoficamente sob a universalização criteriosa do pensamento rigoroso sobre o Ser, sobre o Conhecimento e sobre o Valor. São estas, a rigor, as três grandes áreas de problemas que constituem o objeto da filosofia. Isto porque de uma concepção universal do Ser segue-se uma concepção do conhecimento, assim como de uma concepção do valor do ser infere-se o dever-ser.

Ora, parece claro que pensar estes problemas gerais, isto é, praticar a atividade propriamente filosófica – filosofar –, é tão somente pensar. Pois, se o filósofo é, por definição, um amante do saber, graças a esse amor – como *philia*, que deriva de uma carência, pela qual se busca o ser amado, no caso, a verdade – o exercício profissional consiste em não se contentar em saber das coisas como estão, mas, buscar saber como elas são, realmente. Assim, ele não se interessa pela mera informação, pela mera aparência das coisas. Ele quer atingir a sua essência, através da razão, a qual expressa-a na sua universalidade. Esta, por sua vez, exige a criticidade, característica própria da razão que quer conhecer. Por isso, o filósofo é um crítico por natureza.

<i>Acerca do Amante Profissional ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	70/107
--	------------------------	------	------	--------

Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

Certamente há muitas atividades humanas que também são críticas. Os cientistas devem ser críticos. No entanto, nem todos nem sempre o são, haja vista trabalharem com um objeto particularizado, geralmente perdendo de vista o todo; o que não deve acontecer com os filósofos, dada uma certa necessidade mesma de conhecer a totalidade em seu conjunto, enquanto pressuposto, o que caracteriza a universalidade dos problemas filosóficos.

Ora, o humano comum pode e deve pensar com a razão, assim como o cientista também o faz. Ambos podem, inclusive, refletir, questionar filosoficamente, levantar problemas de cunho filosófico como, por exemplo, sobre o valor da vida, da honra, da liberdade, da beleza, da religião etc., assim como questionar sobre uma afirmação qualquer, um suposto conhecimento e até mesmo sobre o ser de uma determinada coisa; perguntar-se o que é uma certa coisa, um objeto qualquer; querer saber daquilo que a coisa realmente é. Mas se isto não é tomado como atividade, como prática e, principalmente, se tais questionamentos não primam por profundidade nem suas respostas por universalidade, numa abordagem sistemática, ou seja, sob uma visão de conjunto, organizando num todo bem relacionado todas as reflexões dispersas, então torna-se difícil dizer tal pessoa é filósofa; que ela se realiza como tal; que se atualiza como filósofa. Contudo, não se pode negar que tal humano demonstra, naquele momento, a sua potência de ser filósofo, a sua tendência latente. Isto é, graças à sua capacidade de pensar, de raciocinar, ele está apenas assumindo, por um momento, uma postura filosófica. No entanto, assim como não é uma ação virtuosa que torna o seu agente virtuoso, mas o exercício habitual da virtude, do mesmo modo não é uma simples atitude filosófica que torna alguém um filósofo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizando essas reflexões, talvez seja possível refazer as perguntas iniciais, numa acepção mais lógica, no sentido de condição suficiente ou condição necessária, como por exemplo: é suficiente concluir um curso de Filosofia para ser filósofo? Isto é necessário? É suficiente ser professor de Filosofia para ser filósofo? É isto necessário? Para ser filósofo, é suficiente “derramar” por aí belíssimas máximas sobre a vida, sábias ideias do mundo, das coisas, ainda que desconexas? É necessário isto? Polemizar com os ignorantes em vista do mérito do conhecimento; criticar a tudo

<i>Acerca do Amante Profissional ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	71/107
--	------------------------	------	------	--------

Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

e a todos; ter um fichário para organizar todo o conhecimento recebido sobre os grandes pensadores: isto é suficiente para se tornar filósofo? É necessário?

Deixando as respostas para o leitor pensar, presumo, então, ser possível inferir que o filósofo é um profissional cuja atividade primordial é o pensar e cuja ferramenta imprescindível é a razão. Enquanto profissional, ele é um cientista *lato sensu* e um pensador *strictu sensu*. Distingue-se do cientista moderno pela visão totalizante do real como objeto, isto é, pela sua abordagem sobre a realidade como um todo enquanto pressuposto do conhecimento científico, uma vez que o cientista aborda apenas partes do real – quer seja a parte física, a biológica, a histórica, a social etc.. Certamente, tal exigência de trabalho o torna um profissional necessariamente teórico, embora isto não o impeça de também pensar sobre a totalidade da vida prática, através dos conceitos pressupostos nas crenças e valores que a guiam, âmbito pelo qual ele se confunde com o pensador ou com o sábio.

Entretanto, ele também se distingue do pensador, ou seja, daquele que pensa amadoristicamente sobre as coisas da vida, haja vista este identificar-se pelo caráter amador do pensamento, enquanto o filósofo identifica-se pelo caráter profissional de amante do pensamento. Pois é a sistematicidade do trabalho conceitual nas tarefas de problematização metódica e rigorosa sobre os conhecimentos postos e de busca de fundamentação racional que marcam a natureza crítica do amante da sabedoria, por cujo amor à verdade (*Met.* II.1 993b20) ele se mantém numa busca constante a ela, ao invés da pretensão de posse do saber que caracteriza o sábio.

6. OBRAS CITADAS

ARISTÓTELES. (2002). *Ética a Nicómaco* (Bílingue: Grego-Espanhol ed.). (J. Marias, Trad.) Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales.

ARISTÓTELES. (2002). *Metafísica* (Bílingue: Grego-Português ed.). (M. Perine, Trad.) São Paulo: Loyola.

ARISTÓTELES. (2005). *Órganon*. (E. Bini, Trad.) Bauru/SP: Edipro.

CORBISIER, R. (1983). *Introdução à filosofia* (Vol. I). São Paulo: Civilização Brasileira.

DEMO, P. (1995). *Metodologia científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas.

DESCARTES, R. (1979). *Discurso do método* (3 ed.). (O. Pensadores, Ed., & J. G. Jr., Trad.) São Paulo: Abril Cultural.

Acerca do Amante Profissional ...	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	72/107
-----------------------------------	------------------------	------	------	--------



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Extensão	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4528
---	----------	----------------	----------------------------------

COELHO, William

FENG, Y.-L. (1989). *Breve historia de la filosofia China*. Beijing: Ediciones en Lenguas Extranjeras.

GRAMSCI, A. (1999). *Cadernos do Cárcere*. (C. N. Coutinho, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HEGEL, G. W. (2008). *Introducción a la história de la filosofia*. (A. Zozaya, Trad.) Buenos Aires: R.P. Centro Editor de Cultura.

OLIVEIRA, W. C. (2000). *Implicações éticas do conceito de animal político em Aristóteles*. João Pessoa: UFPB.

PLATÃO. (1979). *Sofista* (e ed., Vol. Os Pensadores). (J. P. Costa, Trad.) São Paulo: Abril Cultural.

<i>Acerca do Amante Profissional ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	73/107
--	------------------------	------	------	--------